

# **LAS SOLDADERAS: MULHERES NA REVOLUÇÃO MEXICANA DE 1910**

## **LAS SOLDADERAS: WOMEN IN THE 1910's MEXICAN REVOLUTION**

**Marcela de Castro Tosi**

**E-mail: marcelactosi@gmail.com**

### **Resumo:**

A Revolução Mexicana foi a primeira grande revolta popular do século XX. As histórias contadas pela História guardam em si uma dupla colonialidade: a de um povo colonizado sob o imperialismo da modernidade europeia e a das mulheres sob a subordinação patriarcal do sujeito feminino. Este artigo se dedica à construção das representações do papel da mulher na Revolução Mexicana, as *soldaderas*, contada na cultura mexicana entre discursos de domesticação e discursos de emancipação, em processos ambíguos de múltiplas camadas.

**Palavras-chave:** Revolução Mexicana; soldaderas; feminismo descolonial.

### **Abstract:**

The Mexican Revolution was the first great uprising of the twentieth century. The stories told by history keep itself a double colonialism: that of a colonized people under imperialism of European modernity and that of women under the patriarchal subordination of the female subject. This article is dedicated to the construction of the representations of women's role in the Mexican Revolution, the *soldaderas*, told in the Mexican culture between discourses of domestication and emancipatory discourses, in ambiguous cases of multiple layers.

**Keywords:** Mexican Revolution; soldaderas; decolonial feminism.

Viudas, solteras, amantes y casadas,  
madres y hermanas formaron batallón,  
al mando de fornida extortillera  
las soldaderas se fueron al montón.  
A las mujeres robadas o violadas  
no les quedó otra que hacerse soldaderas,  
pero también las hubo enamoradas  
que tras su amor se fueron a la bola.  
Aquellas hembras polvosas y harapientas,  
perras humanas cargando sus canastas,  
repletas de ollas, cazuelas y metates  
hirviendo en mugre, lujuria y hambre  
pero también chinguere y púlque  
vestidas de percál y calicó  
con carrilleras, enaguas y cananas.  
Vivianderas, juanas, chimiscoleras,  
cucarachas, soldadas, mitoteras,  
hurgamanderas, busconas, arguenderas  
guachas, pelonas, valientes soldaderas.  
Carmela Robles, Florinda Lazos,  
María Quinteras y Petra Ruíz.  
Angela Gómez, La Bobadilla  
y Carmen Parra la de Alanís.  
Cadete Clara, la Catalina,  
La Carmen Vélez y Encarnación.  
María Esperanza, La Petra Herrera,  
La Valentina y también yo.  
Sin soldaderas no habría revolución.  
(Las soldaderas – Liliana Felipe)

Segundo o dicionário de política, uma Revolução “é a tentativa, acompanhada do uso da violência, de derrubar as autoridades políticas existentes e de as substituir, a fim de efetuar profundas mudanças nas relações políticas, no ordenamento jurídico e na esfera

socioeconômica.”<sup>1</sup> A desigualdade e a injustiça social são dois dos fatores que ocasionaram a Revolução no México. Para as classes médias, a Revolução traria mudanças políticas; para as classes camponesas tratava-se de subalternidade, antagonismo e busca por autonomia.

A Revolução Mexicana é tradicionalmente apontada começando em 1910 como uma revolta popular contra o presidente Porfírio Díaz, que estava no governo há mais de três décadas. Sua fase armada terminou oficialmente em 1917 com a promulgação da nova Constituição, mas foi só em 1929, com a criação do Partido Nacional Revolucionário, que o país finalmente se pacificaria.<sup>2</sup> Trata-se da primeira grande revolta popular do século XX, posta como "a última das revoluções burguesas e a primeira das revoluções proletárias".

As mulheres participaram massiva e ativamente da Revolução, seja nos campos de batalha, seja por meio de intervenções diretas na vida pública e política. Entretanto, a História continua sendo a história dos grandes homens. Como aponta Prado, muitos museus mexicanos homenageiam os heróis nacionais, incorporando inclusive aqueles homens que outrora foram considerados perigosos líderes populares, enquanto as mulheres quase não são citadas e, quando o são, geralmente estão retratadas dentro de arquétipos destituídos de toda a historicidade e vivência feminina. Esse silêncio em torno de sua atuação constitui a imagem prevalecente da mulher como criatura pouco interessada e nada participante nas questões políticas e eventos históricos.<sup>3</sup> Uma imagem que se construiu ao longo dos séculos na estrutura patriarcal e colonial.

Nesse sentido, falar das mulheres é essencial a fim de, concordando com Spivak ao tratar da importância dos Estudos das Mulheres, criar uma infra-estrutura de reconhecimento no caminho para a justiça global. Para a autora, se “antes pensabamos que los Estudios de las Mujeres reinstauraban la justicia entre géneros, hoy debemos atrevernos a pensar que nos permiten pensar em um mundo más justo.”<sup>4</sup> *Soldaderas* e integrantes dos grupos feministas

---

<sup>1</sup> PASQUINO, Gianfranco. **Revolução**. In: BOBBIO, Noberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. Tradução: Carmen C. Varriale. Brasília: Editora Universidade de Brasília. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000, p. 1121.

<sup>2</sup> LINHARD, Tabea Alexa. “**Todos a entrar y el que tenga miedo que se quede a cocinar frijoles**”: las soldaderas en la Revolución Mexicana. NASH, Mary. TAVERA, Susana (eds.) Las mujeres y las guerras: el papel de las mujeres en las guerras de la Edad Antigua a la Contemporánea. Barcelona: Icaria, 2003. p. 156

<sup>3</sup> PRADO, Maria Lígia Coelho. **A participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina**. In.: América Latina no século XIX: Tramas, telas e textos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999

<sup>4</sup> SPIVAK, G. “**¿Por qué los estudios de las mujeres?**”. In: Rodríguez, P.B.; Rodríguez González, C. (Eds.); Carrera Suárez (Coord.) Nación, diversidad y género. Perspectivas críticas. Barcelona: Anthropos, 2010. p. 18

desempenharam importantes papeis que se complementaram na luta mais ampla por direitos das mulheres no país, embora tenham se contraposto em outros aspectos, como os de classe e raça.

Ainda que algumas mulheres de classe alta tenham lutado na Revolução, a maioria encontrou maneiras de libertação através de ativismo político e se incluindo no mercado de trabalho aberto pelos avanços econômicos do porfiriato. Formaram grupos no intuito de obter o voto feminino, maior acesso à educação e à contracepção e em apoio a candidatos políticos - exemplos de tais grupos incluem o Consejo Feminista e a Liga Feminista Mexicana. Assim, a maioria se manteve sem desafiar as barreiras que a classe social ergue e puderam ter seus nomes ligados à História do país.<sup>5</sup>

Este artigo se dedica à construção das representações do papel da mulher na Revolução Mexicana baseando-se na história das *soldaderas*, mulheres anônimas, camponesas, mestiças e indígenas que acabaram ocultadas pelo mito da *Adelita*<sup>6</sup> abnegada, dócil e submissa que vai para a guerra somente por amar um soldado ou da mulher lasciva, apontada como principal causa do vício, doença, crime e desordem nos exércitos. As *soldaderas* foram mais que isso: auxiliaram as tropas de todas as maneiras imagináveis, fizeram a guerra possível, e, ainda assim, permanecem sob a subordinação patriarcalmente arquitetada do sujeito feminino nas histórias nacionais.

### **A Revolução Mexicana: uma história de lutas por emancipação**

O século XX na América Latina não poderia começar de outra forma: a Revolução Mexicana irrompeu como um furacão em um continente atormentado por lutas operárias e camponesas que já mostravam o espírito revolucionário que tomaria sua vasta terra, de Morelos até a Patagônia. A guerra era fenômeno comum no México do século XIX, desde a

---

<sup>5</sup> LELAND, Maria. **Separate Spheres: Soldaderas and Feminists in Revolutionary Mexico**. Senior Honors Thesis. The Ohio State University. Maio, 2010

<sup>6</sup> *La Adelita* é uma canção popular mexicana escrita durante a Revolução de 1910. Como parte da cultura oral o *corrido* tem diversas versões, mas em todas elas a descrição dessa soldadera (que muitos acreditam ter realmente existido, sem que haja, entretanto, consenso sobre quem foi) é recorrente “*En lo alto de la abrupta serranía/ acampado se encontraba un regimiento/ y una musa que valiente los seguía /locamente enamorada del sargento./ Popular entre la tropa era Adelita/ la mujer que el sargento idolatraba/ y además de ser valiente era bonita/ que hasta el mismo Coronel la respetaba*”. Tabea Alexa Linhard, em **Fearless Women in the Mexican Revolution and the Spanish Civil War**. Columbia and London: University of Missouri Press, 2005, aponta que Adelita tornou-se ícone representativo das soldaderas e denominação popular para as mulheres que aturam nos campos de batalha, colocando-as como picarescas, generosas e promíscuas a um só tempo e em tempos distintos.

luta por independência em 1810, conflitos civis, rebeliões e invasões estrangeiras marcaram o tortuoso caminho de constituição do Estado nacional mexicano.

Durante a ditadura de Porfirio Díaz (1876-1911), o país viveu um governo que ostensivamente o conduziu para uma era de modernidade, mas com notórios custos. O porfiriato também abriu o país ao investimento estrangeiro. O novo proletariado mexicano, em sua grande parte, deixava sua vida entre as máquinas das fábricas norte-americanas, britânicas e francesas em jornadas de trabalho de doze a dezesseis horas.<sup>7</sup>

É de comum acordo entre historiadores(as) que Porfirio Díaz promoveu no país um grande processo de desenvolvimento econômico e de modernização, conduzidos para a ordem e o progresso. Por mais de 30 anos com o poder político concentrado em sua figura e nas mãos de um estrito número de pessoas, Díaz foi responsável pela integração do México ao comércio mundial: pela ampliação e concentração de propriedades e riquezas em torno da elite nacional e de investidores estrangeiros, redes de estradas de ferro que se estendiam até os Estados Unidos, Por outro lado, essencialmente agrário, o país passou por intensas transformações e, conseqüentemente, as camadas populares sofreram diretamente com as intervenções políticas e econômicas. Pequenos proprietários de terras e comunidades indígenas assistiram à expropriação de suas terras.

Comprometido com os ideais do liberalismo do século XIX, que incluíam a dedicação ao desenvolvimento econômico, Díaz tentou desenvolver economicamente o país permitindo que estrangeiros usassem a terra para diversos fins industriais. Sua modernização teve por constitutivo paralelo essencial longas e sangrentas campanhas das tropas oficiais contra os indígenas na fronteira norte do país e processos de exclusão das camadas mais desprotegidas e despossuídas da população. Grande parte das ferrovias, companhias de comércio e mineração pertenciam a empresas norte-americanas. Os peões que trabalhavam a terra para si ou foram forçados a trabalhar para as empresas estrangeiras ou condenados à fome. Como John Mason Hart escreve: "Em 1910, 90 por cento da população camponesa mexicana era de sem terra".<sup>8</sup>

O "progresso" promovido pelo porfiriato em parceria com fazendeiros e investidores estrangeiros em busca da modernização agrícola e da exploração de petróleo e de minérios aconteceu nas aldeias camponesas do Centro-Sul da República. O estado de Morelos foi especialmente explorado para o cultivo da cana de açúcar. Ao Norte, as companhias mineiras avançaram sobre o território de vaqueiros e pequenos agricultores. O *boom* capitalista vindo

---

<sup>7</sup> D'ATRI, Andrea (Ed.). **Luchadoras: historia de mujeres que hicieron historia**. Buenos Aires: Ediciones del I.P.S., 2006. p. 113

<sup>8</sup> HART, John Mason. **Revolutionary Mexico**. Berkeley, California: University of California Press, 1987, 109.

do Norte favoreceu a exploração do petróleo no Golfo e a mineração em Sonora, Chihuahua e Nuevo León. A consequência desse avanço do progresso capitalista foi a ruptura, em todo o país, das relações agrárias tradicionais que dominaram a vida no campo mexicano.

O jornalista estadunidense John Reed esteve no México em plena Revolução e assistiu a leitura de um decreto do governador de Durango, onde este acentuava a causa ou as causas pelas quais os homens e mulheres oprimidos lutaram contra os grandes proprietários de terras e contra o governo:

Considerando que o principal motivo de descontentamento entre o povo de nosso Estado, que o obrigou a levantar-se em armas em 1910, foi a falta absoluta da propriedade individual; e que as classes rurais atualmente não possuíam meios de subsistência, nem nenhuma esperança para o futuro, exceto a de servir como peões nas fazendas dos grandes proprietários que monopolizavam a terra e o Estado; Considerando que a fonte principal de nossa riqueza nacional é a agricultura e que não pode haver verdadeiro progresso sem que a maioria dos agricultores tenha um interesse pessoal em fazer a terra produzir; Considerando, finalmente, que as povoações rurais foram reduzidas à mais extrema miséria, pois as terras comunais que possuíam se destinaram a aumentar as propriedades das fazendas mais próximas, especialmente sob a ditadura de Porfírio Díaz, como o que perderam a independência econômica, política e social os habitantes do Estado, passando da classe de cidadãos à de escravos, sem que o Governo seja capaz de elevar o nível moral pela educação, porque a fazenda onde eles vivem é propriedade privada.<sup>9</sup>

A modernidade mostrava seu outro lado – muitas vezes encoberto, mas sem o qual não existiria: a colonialidade, um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Ela se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do padrão de poder e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões materiais e subjetivas da existência social. Raça, gênero e trabalho foram as três linhas principais de classificação que constituíram a formação do capitalismo mundial colonial/moderno no século XVI e as três instâncias em que as relações de exploração, dominação e conflito foram ordenadas.<sup>10</sup>

A modernidade é um "mito" que as políticas desenvolvimentistas aplicadas por Porfírio Díaz no México buscavam, e na América Latina no geral, e que oculta a

---

<sup>9</sup> REED, John. **México Rebelde**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978, p. 74.

<sup>10</sup> QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. In.: La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Edgardo Lander (comp.) Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2000.

colonialidade. Ela se constrói a partir do momento em que a civilização moderna se autodescreve como mais desenvolvida e superior. Tal superioridade obriga a desenvolver os mais primitivos, bárbaros, rudes, como exigência moral. O caminho desse processo de desenvolvimento deve ser aquele seguido pela Europa. Esta dominação produz variados níveis de violência que é interpretada como um ato inevitável dado o caráter "civilizatório" da Modernidade.<sup>11</sup>

Nessa lógica categorial dicotômica e hierárquica, que é central para o pensamento capitalista e colonial moderno sobre raça, gênero e sexualidade, deu-se a colonização das Américas e do Caribe. A partir da conquista, foi imposta sobre as pessoas colonizadas uma distinção dicotômica, hierárquica entre humano e não humano a serviço do homem ocidental, acompanhada por outras distinções hierárquicas dicotômicas como aquela entre homens e mulheres. Essa distinção tornou-se a marca do humano e a marca da civilização. "O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/ agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão."<sup>12</sup> Tais categorias dicotômicas impostas estão entretecidas com a historicidade das relações, incluindo as relações íntimas, na vida social entre pessoas que não estão atuando como representativas ou autoridades.<sup>13</sup>

Os(as) colonizados(as) tornaram-se sujeitos em situações coloniais na modernidade da conquista. A dicotomia hierárquica como uma marca do humano também se tornou uma ferramenta normativa para condenar os(as) colonizados(as). Nessa perspectiva,

a transformação civilizatória justificava a colonização da memória e, conseqüentemente, das noções de si das pessoas, da relação intersubjetiva, da sua relação com o mundo espiritual, com a terra, com o próprio tecido de sua concepção de realidade, identidade e organização social, ecológica e cosmológica.<sup>14</sup>

Com a modernidade e pela modernidade, o México e suas histórias contadas e experimentadas se constituíram – e permanecem – colonizadas, ainda que implicitamente e de forma não percebida pelo senso geral. Uma colonialidade sempre enredada por disputas de

---

<sup>11</sup> LANDER, Edgardo. **Ciencias sociales: saberes coloniales y eurocéntrico**. In.: LANDER, Edgardo (comp.) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

<sup>12</sup> LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3): setembro-dezembro/2014, pp. 935-952. p. 936

<sup>13</sup> idem

<sup>14</sup> ibidem, p. 938

poder; por histórias de uma elite que se tornaram História, mas também por histórias de contestação. A cena política tumultuada no México com a saída de Porfirio Díaz trouxe à tona líderes militares e políticos que queriam assumir a responsabilidade de transformar o país em uma nação moderna, cada um de acordo com seus próprios ideais. Trouxe também milhões de homens e mulheres, pessoas oprimidas e humilhadas há séculos, que se erguiam contra os “inevitáveis” os custos da modernização dos outros povos “atrasados”, das outras raças escravizáveis, do outro sexo frágil.

Esse era o panorama do país à época da Revolução. Um governante e uma classe social dominante que buscavam o desenvolvimento apregoado pelas sociedades “desenvolvidas” do Norte e negligenciavam todas as contrapartidas sociais negativas necessárias a esse “desenvolvimento”. O México duro e profundo emergiu da atuação subterrânea, desde os confins das fazendas a armar-se e combater primeiro o porfiriato e depois a burguesia e a pequena burguesia que tomaram o poder e estabeleceram as bases do Estado capitalista moderno.

### **Mulheres e luta social: a constituição de um sujeito feminino**

[A Soldadera] foi não só des-historicizada e mitificada, mas também foi recrutada para um discurso que simultaneamente as excluiu dele.<sup>15</sup>

De estas mujeres sin miedo casi no se habla. O se habla mal y oficialmente. Son las mujeres terribles que luego llegan a la épica. La revolución y la guerra las levantan de pronto de su silla de mujer normal. Aquí no se trata de sueños. Son verídicas, igual que la sangre al abrirse camino. Sin ellas, las demás mujeres viviríamos sin historia. Porque la historia ha sido la narración de los hombres y mujeres sin miedo.<sup>16</sup>

É nesse marco, quando na sociedade mexicana foi manifesta a luta das camadas mais baixas, que os sujeitos subalternos e subalternizados tomaram em suas mãos seu próprio destino. E dentro desse contexto estavam, com forte presença, as trabalhadoras, as camponesas, a *Adelita*, as *soldaderas*. Nas cidades, no campo, nas fábricas, as mulheres foram parte essencial da Revolução Mexicana, tecendo uma história de coragem, tradição de luta e combatividade. O caminho tortuoso da chamada “última das revoluções burguesas e a

---

<sup>15</sup> LATORRE, Guisela. **Agustín Víctor Casasola's Soldaderas: Malinchismo and the Chicana/o Artist.** In HARRIS, Amanda Nolacea; ROMERO, Rolando (eds.) *Feminism, Nation, and Myth: La Malinche*. Houston, Texas: Arte Público Press, 2005 : 101.

<sup>16</sup> LEÓN, Maria Teresa. *La mujer que perdió el miedo*. Nueva Cultura, nº 10, Valencia : jan.1936

primeira das revoluções proletárias" inclui a participação apaixonada das mulheres, que vai desde posições na propaganda política, a denúncia da opressão e o abastecimento de suprimentos, ao papel de líderes *coronelas* - o Exército Zapatista teve mais mulheres em suas fileiras que nas páginas dedicadas às suas histórias.<sup>17</sup>

A figura de civis, especialmente mulheres, acompanhando exércitos revolucionários era de nenhuma maneira uma nova instituição na época da Revolução Mexicana. No entanto, as circunstâncias incomuns do conflito, bem como o interesse internacional na Revolução e o fato de algumas mulheres participarem militarmente, permitiram que as *soldaderas* se tornassem suficientemente importantes para serem retratadas na cultura popular, noticiadas internacionalmente e ainda estudadas séculos depois. Percepções de seus papéis variam de perturbações que impediam a evolução ordenada das tropas, sendo influências imorais entre os soldados, a mártires idealizadas e mulheres devotadas a seus soldados.

Embora não se saiba ao certo quantas mulheres lutaram, fizeram-no tanto em nome do governo federal quanto do lado daqueles que se opunham à ditadura. Como Salas<sup>18</sup> descreve, algumas lutaram em prol dos ideais revolucionários como a reforma agrária; outras lutaram porque os homens em suas vidas estavam lutando e elas queriam para apoiá-los. Muitas seguiam os exércitos para ter uma forma de trabalho e sustento. Algumas foram por terem sido seqüestradas. Outras jovens, de doze e treze anos de idade, foram forçadas a acompanhar seus pais em guerra e mais tarde se tornaram *soldaderas*. Além destas, mulheres mais velhas entraram na guerra em busca de vingança pela morte ou captura de seu marido, filho ou irmão. Assim, mulheres de todas as idades participaram ativamente junto aos exércitos e por razões diversas.

Diversos contextos sociais também desempenharam um papel na motivação das mulheres para pegar em armas. Muitas vieram das camadas mais baixas da sociedade – algumas eram indígenas ou mestiças, filhas de agricultores ou comerciantes – e se tornaram *soldaderas* em um esforço para melhorar suas situações econômicas. Na maioria dos casos, a classe social também ditou as razões pelas quais as mulheres lutaram. Uma mulher indígena ou mestiça cuja subsistência dependia da agricultura era mais propensa a apoiar Zapata e lutar contra Díaz ou outros aspirantes presidenciais que não abraçaram a reforma agrária. No entanto, uma mulher cuja situação econômica melhorou sob o governo no poder,

---

<sup>17</sup> D'ATRI, Andrea (Ed.). **Luchadoras: historia de mujeres que hicieron historia**. Buenos Aires: Ediciones del I.P.S., 2006. p. 95

<sup>18</sup> SALAS, Elizabeth. **Soldaderas in the Mexican Military: Myth and History**. Austin, Texas: University of Texas Press, 1990

provavelmente, estava lutando em nome do Exército Federal. Semelhante à diversidade de perfis sociais e de suas motivações, as responsabilidades dessas mulheres também variaram. Nos anos 1920, relatos de jornalistas dão conta de que as mulheres marchavam melhor que os homens e ainda carregavam consigo toda sorte de pertences, incluindo artefatos sagrados e religiosos, potes, pertences familiares, roupa de cama, mascotes, galinhas, lenha e crianças de colo.<sup>19</sup>

Elas realizaram muitos dos trabalhos necessários para o exército funcionar dia a dia. Carregavam todo o equipamento e seus filhos, tratavam de cuidar da alimentação e dos feridos, desempenhavam no campo de batalhas as ações típicas da esfera doméstica sem as quais o exército – e os homens na esfera privada – não poderiam manter as suas atividades. Entretanto, ao fim do conflito, as fileiras passaram a ser compostas majoritariamente por homens e já na década seguinte as versões da cultura mexicana acerca do papel das mulheres estavam distorcidas: eram todas prostitutas, nacionalistas abnegadas ou amazonas submetidas à proeza romântica dos homens.<sup>20</sup>

Em alguns anos, as histórias contadas eram outras, diferentes da realidade vivida, e capazes de constituir uma memória por vezes deturpada. As *soldaderas* se tornaram todas *Adelitas*, uma figura onipresente em mitos e narrativas que transpuseram as fronteiras mexicanas. Metonímia da participação feminina na Revolução Mexicana assim como símbolo de uma femininidade idealizada, *Adelitas* oscilam entre empoderamento e submissão, entre agência política e subalternidade, estando representadas nos populares *corridos*, em filmes, novelas, fotografias, cartões postais, teatro, dança, capas de calendários, artes muralistas, enfim, em todo imaginário popular, não só mexicano, mas também na Nicarágua ou em El Salvador, países em que tal representação de mulheres combatentes também se repercutiu.<sup>21</sup>

Uma segunda maneira como as mulheres apoiaram a guerra foi lutando ao lado dos homens. As que o fizeram não limitaram a sua participação às tarefas que já realizavam em casa. Em vez disso, pegaram em armas e se integraram o Exército Federal ou às forças da oposição. Como a escritora espanhola Maria Teresa León escreveu em 1936 em seu artigo *La mujer que perdió el miedo* para o periódico Nueva Cultura:

---

<sup>19</sup> SALAS, Elizabeth. **La soldadera en la Revolución Mexicana: la guerra y las ilusiones de los hombres**. FOWLER-SALAMINI, Heather; VAUGHAN, Mary Kay (eds.). *Mujeres del campo mexicano, 1850-1990*. Zamora: El Colegio de Michoacán/Universidad Autónoma de Puebla, 2003

<sup>20</sup> idem

<sup>21</sup> LINHARD, Tabea Alexa. **Fearless Women in the Mexican Revolution and the Spanish Civil War**. Columbia and London: University of Missouri Press, 2005

No creáis en lo que os han contado de que la mujer tiene instintos de curandería y medicina, o deja de creer que estos instintos se apliquen en todas ocasiones. No. La «soldadera» remata a los heridos, carga con los muertos, sabe lo que pesa un fusil, quita las municiones a los agonizantes. Cuando en los años de 1910 a 1921, ejércitos irregulares se movían en las planicies y montes mexicanos, la «soldadera» era temida como un jaguar loco.<sup>22</sup>

*Soldaderas* eram frequentemente as mais baixas fileiras dos soldados e enfrentavam situações mais exaustivas que os homens. Se os soldados iam a cavalo, as *soldaderas* seguiam a pé; se o exército seguia em trens, mulheres e crianças iam sob os trens ou em seus tetos.<sup>23</sup> No entanto, algumas ascenderam na hierarquia militar, principalmente entre as forças revolucionárias. Um exemplo de uma *capitana* é Petra Herrera. Ela lutou por forças de Venustiano Carranza disfarçada como um homem durante a maior parte de sua carreira militar. Usando o nome de guerra de "Pedro Herrera", levantou-se através das fileiras para se tornar *capitana* e mais tarde *coronela*. Ganhou fama por seu destemor, habilidades no campo de batalha e gênio. Quando seu segredo foi revelado, Herrera assumiu o comando de um regimento de só de mulheres e as levou a muitas vitórias no campo de batalha.

Margarita Neri, Rosa Bobadilla, Juana Ramona, “La Tigresa” e Dolores Jiménez y Muro foram outras entre tantas *coronelas* e *capitanas* mulheres que conheciam bem o terreno – afinal, era ali que ficavam enquanto seus maridos saíam para desempenhar as “funções masculinas –; que ganharam inúmeras batalhas; que vindo de classes mais altas atuaram para além dos campos de batalha; que, desafiando o que é “ser mulher”, fizeram a revolução; entretanto, jamais se identificaram em testemunhos e biografias como *soldaderas* e poucas vezes tiveram suas histórias contadas.<sup>24</sup> Foram ainda espiãs, informantes, contrabandistas de armas e munição, telegrafistas e propagandistas. Jiménez y Muro, por exemplo, vindo de uma família que pode lhe proporcionar estudar – algo que não era comum a mulheres na época, foi

---

<sup>22</sup> "Não acredite no que lhe foi dito que a mulher tem instintos de cura e medicina, ou deixa de acreditar que esses instintos se apliquem em todos os casos. Não. A «soldadera» acaba com os feridos, carrega os mortos, sabe o peso de um rifle, remove as munições dos agonizantes. Quando, nos anos de 1910-1921, os exércitos irregulares se moviam nas planícies e montanhas mexicanas, a «soldadera» era temida como uma onça-pintada louca." [tradução da autora]

<sup>23</sup> SALAS, Elizabeth. **La soldadera en la Revolución Mexicana: la guerra y las ilusiones de los hombres**. FOWLER-SALAMINI, Heather; VAUGHAN, Mary Kay (eds.). *Mujeres del campo mexicano, 1850-1990*. Zamora: El Colegio de Michoacán/Universidad Autónoma de Puebla, 2003

<sup>24</sup> LINHARD, Tabea Alexa. “**Todos a entrar y el que tenga miedo que se quede a cocinar frijoles**”: las **soldaderas en la Revolución Mexicana**. NASH, Mary. TAVERA, Susana (eds.) *Las mujeres y las guerras: el papel de las mujeres en las guerras de la Edad Antigua a la Contemporánea*. Barcelona: Icaria, 2003

intelectual e jornalista revolucionária, presidente do grupo político *Las Hijas de Cuauhtémoc* e escritora antes de se juntar às tropas de Emiliano Zapata e se tornar *general*.<sup>25</sup> Dessa forma, fica evidente que a Revolução Mexicana não pode ser compreendida na sua totalidade se a importância das mulheres, das mais variadas origens e atuações, não se coloca neste processo.

É central desvelar uma história que tem sido invisível, apesar do grande número de fotos, testemunhos, músicas e documentos históricos que apontam para uma participação feminina significativa. É necessário revelar os rostos anônimos da Revolução Mexicana, para entender, num nível mais amplo, como as mulheres têm se constituído como sujeito social através da história. Atualmente, diversas pesquisas corroboram para desmistificar as *soldaderas* em sua diversidade de perfis e papéis desempenhados, além de apontar para a necessidade de se contar suas histórias como que para de alguma forma minimizar a dívida importante que a História e a cultura mexicanas tem em relação a essas mulheres. No entanto, questões latentes e importantes ainda se mantem e precisam ser discutidas.

### **Legados da luta: entre discursos de domesticação e discursos de emancipação**

Após a Revolução Mexicana, nada foi o mesmo na América Latina. A década de 1920 foi atravessada por lutas, muitas vezes austeras. Operárias e operários, camponesas e camponeses e a população pobre não mais aceitavam os ditames das *company* e começaram a reivindicar seus direitos. Sujeitos colonizados material e subjetivamente pelo processo de tomada e conquista da América Latina e também pelo processo decorrente dos ideais de modernidade e desenvolvimento, o papel das mulheres e dos homens foi variado e também o foram suas motivações.

Possibilidades emancipatórias e gestos de domesticação são componentes inerentes dos processos revolucionários, que são em si processos ambíguos e de várias camadas. A presença de mulheres nos exércitos da Revolução aponta para isso. Embora os papéis prescritos para elas tenham marcado frequentemente os limites de uma participação doméstica, como *soldaderas* as mulheres descobriram que eram capazes de superar algumas

---

<sup>25</sup> PÉREZ, Oresta López. **Mulher liberal de três épocas: Dolores Jiménez y Muro, professora, jornalista, escritora e revolucionária zapatista.** In: FARIA, Lia; LÔBO, Yolanda (orgs.). **Vozes Femininas do Império e da República: caminhos e identidades.** Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2013.

das limitações em suas vidas. Quando saíram de casa - onde a sociedade queria e esperava que elas permanecessem - para pegar em armas, deixaram para trás seus papéis tradicionais.

Tornar-se *soldadera* empoderava essas mulheres (em sua maioria marcadas não só por seu gênero feminino, mas também por sua raça e por sua classe) de uma forma que não teria sido possível se tivessem permanecido em casa e ainda fossem constrangidas por seus papéis de gênero. Seja no âmbito íntimo e individual, seja pública e coletivamente a participação milenar de mulheres enquanto agentes em conflitos armados desafia e desconstrói os papéis impostos ao gênero feminino.

A importância das narrativas na elaboração e constituição da memória não pode ser desprezada. A história oral disseminada pelos *corridos* e as histórias deles decorrentes e que compõem a cultura mexicana contribuem para o fato de as *soldaderas* sejam constituídas como “mulheres rebeldes, insubordinadas, agindo fora das regras e das normas, que ganharam respeitabilidade, transformadas em modelos de esposa e mãe, glorificadas por todas as virtudes cristãs intimamente trançadas com as virtudes patrióticas.”<sup>26</sup>, mulheres que tiveram de ter suas histórias domesticadas para assim serem modelos a seguir.

Questões de gênero, raça e classe foram desafiadas em movimentos de emancipação, porém foram também domesticadas e redesenhadas pela cultura popular mexicana que se construiu após a Revolução. Alvos de críticas e condescendência tanto de políticos quanto dos grupos feministas, as *soldaderas* permaneceram predominantemente na cultura mexicana como tema do folclore popular.

Depois da fase violenta da Revolução, os meios de comunicação mexicanos transformaram essas mulheres – marcadas por sua caracterização dada principalmente por meio dos populares *corridos*<sup>27</sup> – ou em mulheres heróicas que seguiram os soldados em campanha ou em prostitutas. Esses dois arquétipos aparentemente opostos serviram – e em grande medida ainda servem – à manutenção da ideologia patriarcal do Estado revolucionário e pós-revolucionário mexicano. Reconhecer que as *soldaderas* foram de fundamental importância e que tinham agência própria põe em juízo as construções ideológicas que

---

<sup>26</sup> PRADO, Maria Lígia Coelho. **A participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina.** In.: América Latina no século XIX: Tramas, telas e textos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999. p.51

<sup>27</sup> Gênero lírico-musical mexicano popular desenvolvido no século XVIII . Trata-se de uma narrativa popular na música e poesia que frequentemente é usada para narrar questões políticas, eventos e relações históricas. O corrido desempenhou um papel importante na história do México como uma fonte de informações sobre os movimentos, as vitórias e as perdas da Revolução

concebem a masculinidade como sinônimo de atividade militar e a história militar como campo de dominação exclusivamente masculina. Construí-las enquanto prostitutas sugere o entendimento moral e sexual de que “mulheres boas” e “mulheres ruins”, sendo que para fazer parte do primeiro grupo basta permanecer em casa à espera do “bom soldado” ou abnegadamente segui-lo em campanha.

Outro ponto a ser destacado são as formas como as feministas mexicanas navegaram sua progressividade ao longo das complicações da intensa estratificação social, as quais exibem o profundo enraizamento das questões de raça e classe na sociedade. As classes sociais das feministas eram, em termos de prestígio social, superiores às origens rurais ou indígenas das *soldaderas*, e, como resultado, sua condescendência para com as mulheres das classes mais baixas as varreu para a ampla categoria de fêmeas inferiores ou ignorantes a quem as feministas ensinavam, mas não permitiam que se incluíssem em sua classe. Organizadas em grupos feministas, puderam manter seu senso de legitimidade justamente por não ultrapassarem as fronteiras que a classe social ergue, e ao fazê-lo roubaram as mulheres de classe baixa, incluindo as *soldaderas*, da oportunidade de expressar eloqüentemente seu próprio desejo de participação na formação de uma nova nação.

Como a pesquisadora Elizabeth Salas coloca em *La soldadera en la Revolución Mexicana: la guerra y las ilusiones de los hombres*:

Las soldaderas provenían de distintos antecedentes y tenían diferentes personalidades y objetivos. Aunque la mayoría eran mestizas o indígenas de las áreas rurales y de pequeños pueblos, algunas eran de la ciudad. Vivieron en una época caótica y representan una cultura campesina migratoria en transición que dejó huella en la tradición bélica de la Revolución mexicana. Los militares y burócratas estaban decididos a borrarlas del ejército con la finalidad de fortalecer su racionalidad patriarcal. La cultura popular mexicana distorsionó y desmintió su papel mediante un discurso de género que las representó como queridas, ramerías o Amazonas domadas, no esenciales. A final de cuentas, sin embargo, sus contribuciones a la historia de México tendrán de ser reconocidas.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> SALAS, Elizabeth. **La soldadera en la Revolución Mexicana: la guerra y las ilusiones de los hombres**. FOWLER-SALAMINI, Heather; VAUGHAN, Mary Kay (eds.). Mujeres del campo mexicano, 1850-1990. Zamora: El Colegio de Michoacán/Universidad Autónoma de Puebla, 2003. p. 175

“As soldaderas vinham de distintos antecedentes, com distintas personalidades e objetivos. Ainda que a maioria tenha sido indígena ou mestiça das áreas rurais e pequenos povoados, algumas eram da cidade. Viveram em uma época caótica e representam uma cultura campesina migratória em transição que marcou a tradição bélica da Revolução Mexicana. Os militares e burocratas estavam decididos a apagá-las do exército com a finalidade de fortalecer sua racionalidade patriarcal. A cultura popular mexicana distorceu e desmentiu seu papel mediante um

As *soldaderas* foram em sua maioria mulheres dupla ou triplamente subalternizadas na sociedade mexicana pelas hierarquias modernas de gênero, raça e classe. Mulheres de grande importância para o decorrer e manutenção da resistência contra o governo de Porfírio Diaz e de seus sucessores, as *soldaderas* tiveram suas histórias distorcidas ou desmentidas pelas história oral popular, perpetuada, depois, pelas formas físicas e imagéticas de se fazer História. Ainda assim, continuaram resistindo ao contar e escrever suas próprias histórias, ao serem testemunhas de si mesmas e deixarem relatos aos(às) historiadores(as) que podem (re)escrever a História.

---

discurso de gênero que as representou como amantes, prostitutas ou mulheres domadas, não essenciais. Em última análise, no entanto, suas contribuições à história do México terão de ser reconhecidas” [tradução da autora]